

SUBVERSÃO ESTRUTURAL DA PSICANÁLISE

Graciela Berraute

Quero dizer que não se trata de uma questão ideológica. Em princípio, faz depender a função do sujeito da articulação significante, o que supõe que não se trata de um ser, mas sim de uma relação fundamental com o corpo. O Outro é o corpo. E é o inconsciente. Por isso, o imperativo freudiano propõe que, como sujeito, devo advir ao campo do Id, gramática pulsional (onde a sexualidade participa da vida psíquica). Isso revela a incapacidade de toda significação para cobrir o que diz respeito ao sexo. Porque, a partir da nossa alienação à linguagem, perdeu-se a perfeição harmônica da cópula. Freud descobriu em seus neuróticos que “algo não vai bem no real”: uma falta essencial na junção entre a relação sexual e sua realização subjetiva, que instala ali a insatisfação. Ele a nomeia inicialmente como estrutura do desejo em sua causação por um objeto perdido, na dinâmica do princípio do prazer. Mas depois chega ao encontro com o além disso, e pode abrir a dimensão do gozo e o campo da repetição, como um princípio revolucionário de contradição entre o prazer e a vida: ele conseguiu captar que o sintoma inclui uma satisfação. Porque é um discurso que não se submete ao princípio da contradição, e daí mesmo introduz uma verdade. Que se define num meio dizer, porque do outro lado não diz: esconde a castração. Nessa dimensão, macho ou fêmea têm que se ajustar ali, onde o sexual se reduz a se suportar em uma falta, a falta fálica. Onde a detumescência do pênis traz um mal menor, e até impulsiona em ambos os sexos a suposição de um outro gozo além do fálico... Já nos “Três Ensaio...”, Freud transgride toda a concepção moral da sexualidade afirmando a bissexualidade que o Complexo de Édipo impõe como determinação; e sua estofa perverso-polimorfa: explícita na sexualidade infantil e no gozo do perverso; fantasmática no neurótico. Lacan diz que ele encontra a fecundidade da Psicanálise “onde Freud não conseguiu conceber a sexualidade humana senão como perversa”. Por isso, entende-se que ele não cede ao seu descobrimento, porque há uma ordem de verdade sobre o sintoma que não se sustentaria fora daquilo que lhe revelou a vida cotidiana: “Jung, deve-se agarrar a essa teoria para evitar o lamaçal do ocultismo”. Como

chegou até ali? No seminário “De um Outro ao outro”, [página 271, Paidós edição/página 288, Zahar edição], Lacan lê em Freud que sua posição constitui a mutação articulada de uma disjunção entre o saber e o poder, em relação ao que foi considerado pela ciência antiga e por todos os impérios como uma equivalência (quem sabe contar pode distribuir). Como situa essa mutação? Na posição do paciente de Freud, que testemunha na construção de seu descobrimento. “Ali se lê que ele mesmo é o paciente, por seu esforço, seu trabalho e seu discurso”. Por isso, esse discurso se sustenta na separação entre o Ideal e o *a*, como reverso do laço de massa. Por isso ele primeiro renunciou à hipnose. E em outro plano ele continua a nos interrogar com a afirmação de que a psicologia individual também é psicologia social: um reconhecimento da alteridade que nos habita. Por isso, também podemos dizer que a castração está no centro do ato psicanalítico e de sua transmissão.